

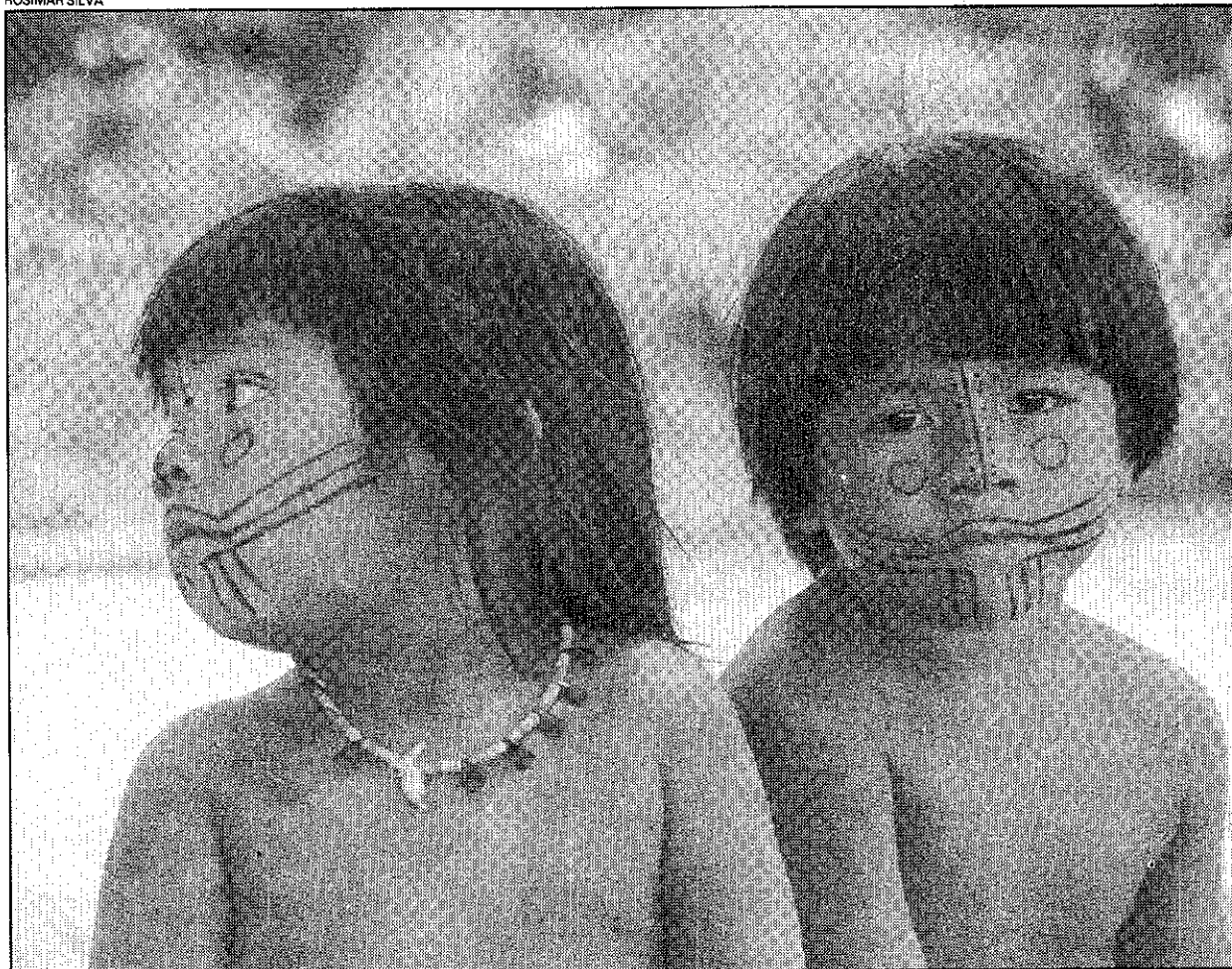
FONTE : Correio Braziliense

CLASS. : Karajá 361

DATA : 04 04 92

PG. : 16

ROSIMAR SILVA



Os carajás estão reduzidos a 53 índios, numa comunidade onde as crianças sequer falam a língua nativa

Grupo goiano luta contra extinção de tribo Carajá

Cida Almeida
Da Sucursal

Goiânia — Se não forem tomadas providências urgentes por parte da Funai e do poder público estadual, Goiás poderá em pouco tempo ver a dizimação completa da única tribo que habita o seu território, os Carajás de Aruanã (GO). Outro pequeno grupo ainda se encontra nos limites do estado, os Avá-Canoeiro, num total de nove índios que aguardam a demarcação de uma reserva em Minaçu, região onde está sendo construída a Usina Hidrelétrica Serra da Mesa.

O caso dos carajás é o que mais chama a atenção. Reduzida a 53 índios, esta comunidade perdeu praticamente todos os costumes de seus ancestrais, num período de meio século de convivência com a sociedade dos "brancos". As crianças não falam a língua

nativa, os adultos não dançam o "Aruaná" — de onde vem o nome do balneário às margens do rio Araguaia, pólo turístico do estado — e o que é pior, estão confinados numa área de apenas 15 mil metros quadrados, o que representa algo mais que um quarteirão.

A agonia dos carajás é denunciada por um grupo de jovens profissionais liberais ligados ao PT, com respaldo da Universidade Católica de Goiás. O grupo assumiu a briga para, no mínimo, garantir a sobrevivência física da tribo. Com esse objetivo, foi montado o projeto **Carajá de Aruanã**, que passa em revista a história de exuberância e vitalidade dessa comunidade até a aculturação completa, que hoje resulta em mendicância e mesmo prostituição de suas mulheres.

A coordenadora do projeto, psicóloga Cida Alves, acredita que a atenuação do drama da

tribo poderá vir através da Justiça. Já se encontra na Procuradoria da República em Goiás representação solicitando demarcação da atual área da aldeia, que ainda está em nome da prefeitura de Aruanã; desapropriação de duas áreas para expansão da reserva, uma ao lado da aldeia, de propriedade da Companhia Thermas do Rio Quente — empresa do ramo hoteleiro — e outra pertencente a particulares. Pleiteia-se, nesta ação, a indenização de toda a área invadida dos Carajás.

Confinados em um quarteirão, vivendo de expedientes e vizinhos da especulação imobiliária, os Carajás também são vítimas da própria natureza, que ameaça o seu reduzido território, com a erosão que avança pelo barranco do rio Araguaia. Os pesquisadores que atuam na área reconhecem que a única coisa que se pode fazer pela tribo é assegurar a sua sobrevivência.